

Insurgindo-se contra o império da supremacia branca: imagens da Frente Negra Brasileira no jornal afro-americano *Chicago Defender* (1931-1937)

Flavio Thales Ribeiro Francisco*

Essa comunicação não trata especificamente da Frente Negra Brasileira, importante organização negra da década de 1930. O objetivo aqui é entendê-la na perspectiva do ativismo afro-americano. Nas primeiras décadas do século XX, havia uma diversidade de posições políticas entre as lideranças negras dos Estados Unidos, que variavam entre agendas políticas integracionistas e, em outro extremo, manifestações que afirmavam uma renúncia negra à cidadania norte-americana. No caso do *Chicago Defender*, fonte fundamental para a nossa pesquisa, identificamos uma posição clara em favor da integração dos negros à sociedade norte-americana. Como veremos mais adiante, o periódico negro cumpriu um papel importante na luta dos negros dos Estados Unidos no período entre-guerras.

O jornal foi idealizado e criado em 1905, pelo ativista e jornalista Robert Abbott, iniciando a sua circulação com uma estrutura precária e uma fonte de receitas limitada. No entanto, o *Chicago Defender* se tornaria a principal referência da imprensa negra norte-americana, transcendendo o espaço da cidade de Chicago e atingindo uma circulação nacional, com uma tiragem de 300.000 exemplares. O semanário de Robert Abbott, de certa forma, acompanhou a formação das comunidades negras no norte do país, nas quais se formava o público leitor do periódico.

Nesse contexto é interessante compreendermos a importância da Grande Migração nesse processo (1910-1930).¹ No período em que o *Chicago Defender* ascendeu como uma publicação nacional, trabalhadores do sul do país se deslocavam para os grandes centros do norte – Chicago, Nova Iorque, Detroit e Boston – a procura de oportunidades de emprego. Neste fluxo migratório havia uma enorme quantidade de negros que, além do problema de

uma recessão nos estados do sul, fugiam da violência racial que se manifestava através de linchamentos e instituições segregadas. Nas metrópoles do norte, onde se consolidavam os grandes polos industriais, os migrantes negros visualizavam a possibilidade de integração social e econômica, imaginando que nesses espaços o processo de inclusão dos negros à sociedade norte-americana poderia se realizar.

O *Chicago Defender*, aproveitando a euforia dos migrantes negros em torno das oportunidades supostamente oferecidas nos grandes centros do norte, explorou sistematicamente os exemplos de violência no Sul do país, difundindo a representação da região como o espaço de opressão da população afro-americana. Em contraposição, as cidades do norte foram retratadas no periódico de Robert Abbott como espaços livres de práticas racistas, nos quais os negros poderiam ascender socialmente. Enquanto supostamente os negros sulistas se encontravam em um ambiente degradado pelo legado da escravidão, no norte do país surgia um novo negro, associado à modernidade norte-americana. O *Chicago Defender* apostou na formação de ordens sociais inclusivas nas grandes metrópoles do norte, onde poderia se iniciar um processo de mobilidade social negra.

No entanto, o projeto integracionista do jornal, que tinha como elemento fundamental de seu repertório a ideia de metrópoles negras dos grandes centros do norte, foi abalado por uma onda de violência que varreu todo o território norte-americano em 1919. Ao contrário do que propagava o *Chicago Defender*, as tensões raciais não estavam restritas às cidades do sul, de uma forma ou de outra, as hierarquias raciais se constituíram em todas as regiões do país. A cidade de Chicago, a maior referência de mobilidade social negra, se transformou em palco de um dos mais violentos enfrentamentos entre negros e brancos, revelando uma tensão que aumentava à medida que as comunidades negras se expandiam em consequência justamente da Grande Migração.

Robert Abbott, através de seu periódico, reconheceu os limites da sociedade norte-americana, diminuindo o discurso eufórico em torno de uma mobilidade social negra. Contudo, a agenda integracionista que se configurou nas páginas do *Chicago Defender* não sofreu alterações, apenas mudou de

orientação. Se a possibilidade de ascensão de um novo negro não era uma realidade nos Estados Unidos, o mesmo processo poderia acontecer em outros países. Esse é o momento em que o periódico passa a explorar sistematicamente as notícias e informações sobre o Brasil e a França, difundindo representações de fraternidades raciais na sociedade brasileira e francesa.

Como parte dessa nova tendência editorial interessada nos brasileiros e franceses, Robert Abbott se organizou para uma jornada pela América Latina, em 1923, e outra pela Europa, em 1929. O jornalista tinha a clara intenção de testemunhar as relações entre negros e brancos, entrando em contato com um padrão de relações raciais distintas do norte-americano. O roteiro latino-americano de Abbott incluiu o Brasil, a Argentina, o Uruguai, o Chile, o Peru, Panamá e Cuba. Enquanto na América do Sul o afro-americano identificou uma modernidade latino-americana na qual as populações negras estavam incluídas, no Panamá e em Cuba, países localizados em uma zona sob a influência da política externa norte-americana, ele observou o que entendeu ser uma deterioração das relações raciais, influenciadas pelo racismo norte-americano.

O *Chicago Defender* explorou exaustivamente o que considerou ser uma má influência da cultura racial dos Estados Unidos na região do Caribe e da América Central sobre o padrão fraterno da América Latina. Esse fenômeno, na perspectiva do periódico negro, ainda estava restrito àquela região, mas poderia se alastrar por todos os territórios das Américas.

Na década de 1930, o jornal identificou mudanças profundas nas relações raciais brasileiras, relacionadas à ascensão de Getúlio Vargas no cenário político. Nas páginas do *Chicago Defender*, a Revolução de 30, foi interpretada como um golpe à democracia e à harmonia racial dos brasileiros. Os jornalistas do periódico negro pintaram um cenário político conturbado, no qual Vargas estaria aliado a forças racistas norte-americanas, que conspiravam contra a população negra, recriando no Brasil uma hierarquia racial como a dos Estados Unidos.

Em meio a esse contexto distorcido pelo *Chicago Defender*, a Frente Negra Brasileira foi retratada como uma das forças capazes de confrontar a

ordem racista que se estabelecia no Brasil. A organização negra foi fundada em 1931, após uma década de articulações de figuras proeminentes de ativismo negro de São Paulo que defendiam uma atuação mais consistente em relação à situação da população negra no regime republicano. Francisco Costa dos Santos e Isaltino Veiga dos Santos iniciaram a agitação para a criação da Frente Negra Brasileira, recrutando um grande número de ativistas e associados em um curto período de tempo. Em um ano, a organização já possuía um quadro efetivo, reunindo cerca de 6000 pessoas na cidade de São Paulo.

A posição política da Frente Negra Brasileira refletia a já revelada em muitos dos jornais da imprensa negra paulista, afirmando a importância da integração do negro e rejeitando qualquer abordagem separatista, mas sem negar a existência do preconceito racial. Nesse sentido, nos discursos dos líderes fretenegrinos ecoavam os ideais de uma nação brasileira fraterna, capaz de unir negros, indígenas e brancos. A organização negra, portanto, não parecia transgredir o quadro social idílico pintado pelo *Chicago Defender* nos Estados Unidos, incluindo-se entre os vários agentes da política brasileira que lutavam pelos valores antirracistas do país sul-americano.

O caso da Frente Negra Brasileira foi um dos mais explorados na seção de notícias internacionais do *Chicago Defender*. A organização negra do Brasil foi retratada com detalhes sobre os seus principais líderes, sua estrutura e suas estratégias para afirmar a sua agenda inclusiva no cenário político brasileiro. Em um artigo de novembro de 1935, o periódico afro-americano informou os seus leitores sobre um congresso organizado por ativistas fretenegrinos para articular lideranças negras paulistas, citando figuras proeminentes da militância como Vicente Ferreira, Guaraná Santana, Justiniano Costa e Arlindo Veiga dos Santos. O jornal fez questão de enfatizar que a Frente Negra Brasileira não era uma organização radical comunista, ela lutava por uma nação democrática que respeitasse a constituição brasileira, assim como deveria ser também a abordagem de qualquer grupo de ativistas negros que se organizasse nos Estados Unidos.

A organização se esforça para prevenir abusos da constituição e dos direitos civis, tentando estabelecer os verdadeiros princípios da democracia. Esse programa se fez necessário devido algumas circunstâncias que restringiram a participação política dos negros brasileiros e às influências estrangeiras que limitaram suas esferas sociais e atividades cívicas. Esse não é somente um congresso da Frente Negra, mas um congresso de todos os negros brasileiros convocados para o propósito de consolidar os seus interesses e para promover objetivos que impulsionam a organização negra.²

À medida que o *Chicago Defender* publicava informações que ressaltavam os aspectos positivos da Frente Negra Brasileira, se reforçava cada vez mais a imagem de excelência da organização. Em um artigo publicado em sua coluna no periódico, Robert Abbott fez uma reflexão sobre a importância do exercício intelectual para o progresso de indivíduos e sociedades, enfatizando a função e a necessidade de uma boa educação humanista. Para ele, os grandes movimentos da história haviam sido resultados de ideias gestadas por mulheres e homens educados, capazes de desenvolver programas para a emancipação social e econômica. A Frente Negra Brasileira, nesse sentido, surgia como resultado de negros brasileiros que se empenharam nesse exercício intelectual e desafiaram uma ordem social no qual se formavam barreiras raciais. A organização negra foi retratada como uma instituição robusta, “a mais poderosa da América do Sul”, com grande capacidade financeira e lideranças inteligentes que contribuíram para a inserção de profissionais negros no exército, na marinha, nas forças policiais e clubes atléticos. A iniciativa dos brasileiros deveria ser tomada como exemplo pelos afro-americanos.

Com apenas alguns anos de idade, a Frente Negra é hoje a mais poderosa organização em toda a América do Sul. Ela tem dinheiro, tem cérebros e força numérica para lutar insistentemente contra qualquer tentativa de atacar os vários direitos dos negros, qualquer movimento que tenha como

objetivo sua restrição, submissão ou isolamento. Esses homens têm lutado com os seus cérebros e irão lutar com suas mãos se necessário, eles não têm medo de morrer.³

A Revolução de 30 no Brasil foi tratada como um golpe com intuito de violar os direitos civis da população negra brasileira. Nesse sentido, o periódico afro-americano pintou um cenário tenebroso para os seus leitores, onde os negros foram sistematicamente segregados de algumas instituições, experimentando as experiências pelas quais os negros nos Estados Unidos já haviam passado. Em um artigo publicado em janeiro de 1936, lamentava-se que os brasileiros pudessem ter o mesmo destino dos norte-americanos. As forças racistas sob influência dos norte-americanos invadiam os grandes centros e comprometiam o regime de fraternidade racial. A Frente Negra Brasileira se organizava para enfrentar a ameaça estrangeira, unindo as lideranças negras e, até mesmo, atraindo o interesse de brasileiros brancos engajados na luta contra o preconceito racial.

A Frente Negra, como o nome indica, “Black Front”, foi organizada com o objetivo de interromper a rápida violação dos direitos civis e constitucionais dos negros nativos que vêm sofrendo o mesmo destino dos negros americanos através da implantação no Brasil do preconceito e de seus males por brancos americanos que estabeleceram residência nos principais centros da república.⁴

A Frente Negra Brasileira foi um marco na história das organizações negras de São Paulo e do Brasil, porém nunca chegou a alcançar o tamanho atribuído a ela nas páginas do *Chicago Defender*. A sua estrutura serviu de referência para outras organizações negras e também estimulou a criação de filiais em outras regiões do território brasileiro, mobilizando ativistas em cidades como Santos, Sorocaba, Campinas, Rio de Janeiro, Salvador, Pelotas e Recife, gerando especulações sobre números que estimavam entre 15.000 e 100.000 associados.

Os ativistas frentenegrinos lutaram insistentemente para a inclusão de trabalhadores negros em diversas instituições públicas, destacando-se o caso da Guarda Civil que, embora oficialmente não discriminasse negros, tinha um quadro majoritário de brancos. Os clamores da Frente Negra Brasileira para que cidadãos negros fossem admitidos chegaram até o presidente Getúlio Vargas, que ordenou a contratação de cerca de 200 recrutas negros. A organização negra conseguiu estabelecer canais de expressão na grande imprensa, transformando-se em um grupo de pressão.⁵ Contudo, ela nunca teve poder para influenciar os partidos políticos e pautar as suas agendas. Quando se tornou um partido político, depois de vários indeferimentos por parte dos tribunais eleitorais, em 1936, a Frente Negra não teve a oportunidade de testar a sua base eleitoral, já que o golpe getulista instaurando o Estado Novo, em 1937, colocou na ilegalidade todos os partidos brasileiros.

Por outro lado, não há registros de uma ameaça racista norte-americana que preocupasse as lideranças da Frente Negra Brasileira. De fato, havia uma tensão com estrangeiros na sociedade brasileira, mas os supostos segregacionistas sulistas dos Estados Unidos jamais foram um problema para a militância negra. Os alvos das lideranças negras eram principalmente os imigrantes europeus e seus descendentes, que em São Paulo dominaram o mercado de trabalho nas primeiras décadas do século XX. O fluxo de trabalhadores estrangeiros, principalmente os italianos, foi associado à marginalização da população negra. O governo do Estado de São Paulo financiou, principalmente, a imigração de trabalhadores europeus na expectativa de modernizar a sociedade brasileira e diminuir a influência da população negra.⁶

O quadro confuso construído nas páginas do periódico afro-americano elevou a Frente Negra Brasileira à categoria de organização política e democrática na luta contra o fascismo getulista, servindo de exemplo para os afro-americanos e para outras populações negras - como foi o caso de uma notícia sobre um levante de negros em Porto Rico inspirada pelos feitos frentenegrinos⁷. Contudo, a preponderância das lideranças negras nas disputas políticas no Brasil retratada pelo *Chicago Defender* comprometeu a imagem do país como espaço de fraternidade racial. Ainda que outros artigos e notas

elogiassem a sociedade brasileira, a narrativa que prevaleceu foi de um paraíso racial que desaparecia à medida que se fortalecia o poder de um ditador sul-americano com claras pretensões racistas.

Nesse sentido, na trama desenvolvida desde a viagem de Robert Abbott para o Brasil, em 1923, as forças estrangeiras, sobretudo a influência racista norte-americana, que já havia se consolidado na América Central, foram capazes de abalar o equilíbrio que existia nas relações sociais brasileiras. Os negros brasileiros, que em um contexto de confraternização racial, emergiram como agentes da modernidade, se transformaram na esperança de redemocratização a partir do momento em que Getúlio Vargas inaugurou o regime ditatorial com o Estado Novo. No entanto, a ditadura getulista significou início de um desencantamento com a sociedade brasileira, que causaria a queda contínua de notícias e artigos sobre o Brasil no *Chicago Defender*. Robert Abbott e os articulistas do periódico negro criticavam efusivamente o racismo nos Estados Unidos, porém, pareciam ainda acreditar na força institucional da democracia. Os rumos da política brasileira na década de 1930 foram interpretados por eles como uma restrição à atuação política dos negros, a possibilidade de fraternidade racial estaria ligada a um ambiente democrático.

Enquanto isso, no mundo real, a Frente Negra Brasileira, que havia se entusiasmado com o nacionalismo de Getúlio Vargas, mesmo após perder o direito de se organizar politicamente no Estado Novo, definhou-se porque não foi capaz de se reinventar em outro contexto político. O golpe de Vargas acabou decretando o fim da organização negra, que ensaiou o seu retorno inúmeras vezes.

*Doutorando do Programa de História Social da FFLCH-USP, sob orientação da Profa. Dra. Mary Anne Junqueira. E-mail: ffrancisco@usp.br.

¹ GROSSMAN, James R. *Land of Hope: Chicago, Black Southerners, and the Great Migration*. University of Chicago Press, 1989; GREGORY, James N. *The southern diaspora: how great migrations of black and white southerners transformed America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.

² “Brazilian race stands for firm for solidarity”. *Chicago Defender* (Chicago, 9 de novembro de 1935), p. 24. No original: “It is striving to prevent abuses of constitutional and civic rights and is trying to establish the trues principle of democracy. This program has been made necessary by the very circumstances which have curtailed the political participation of the Brazilian blacks and

foreign influences which have limited their sphere of social and civic activities. This was not only a Frente Negra Congress, but a congress of all the blacks in Brazil called for the purpose of consolidating their interests and for advancing further the objectives which have actuated the Frente Negra.”

³ “Intellect is the only road to freedom”. *Chicago Defender* (Chicago, 8 de dezembro de 1934), p.11. No original: “Only a few years old, the Frente Negra is today the most powerful organization in all South America. It has money, brains and numerical strength to fight and fight hard and well any measure that is intended to submerge the various right of the blacks , any movement that aims at their limitation, subjugation or isolation. These men have fought with their brains and will fight with their hands if pushed to do so, and they are not afraid to die.”

⁴ “Whites in Brazil ask members of Frente Negra for admittance”. *Chicago Defender* (Chicago, 25 de janeiro de 1936), p. 24. No original: “The Frente Negra, as the name indicates, “Black front”, was organized with a view to stop the rapid invasion of the civil and constitutional rights of the natives blacks who were beginning to suffer the fate of American blacks through the transplanting in Brazil of prejudice and its attendant evils by white Americans who had established residence in the principal centers of the republic.”

⁵ Sobre a Frente Negra Brasileira ver DOMINGUES, Petrônio. *A insurgência de ébano: a História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. Tese de Doutorado, Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2005. (mimeogr.) e PINTO, Regina Pahim. *Movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 1993. (Mimeogr.)

⁶ Ver ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo, 1888-1988*. Bauru: EDUSC, 1998.

⁷ “Puerto Ricans organize Black militant front”. *Chicago Defender* (Chicago, 11 de janeiro de 1936), p.24.